

## **Introdução**

Falta tempo para produzir com qualidade. Para mudar hábitos é preciso informação e para adquiri-la é preciso tempo. Mas cadê o tempo? Está cada vez menor com as múltiplas tarefas, com a ineficiência dos serviços oferecidos a quem vive nas grandes cidades e com as tecnologias de conexão que alongam o tempo de trabalho. Essa é uma das conclusões da coordenadora da pesquisa: "produzir, consumir, viver e imaginar: padrões sustentáveis de uso do tempo", Samyra Crespo, que está produzindo uma série de textos reflexivos sobre a temática. Todos eles estão sendo publicados na página da Rede de Mulheres no Facebook. O presentismo como negação do tempo, o tempo como metáfora e a angústia da falta de tempo são outros temas trabalhados pela pesquisadora que, além da pesquisa, está coordenando uma série de rodas de conversa pelo Brasil. Abaixo, todos os textos já divulgados no facebook da Rede de Mulheres

## **O PRESENTISMO É A NEGAÇÃO DO TEMPO**

No post anterior prometi voltar à crítica dessa ideologia predatória e apontar seus efeitos perversos em nossas escolhas de como viver e de nossas relações com a natureza. Ele (o presentismo) propõe e implementa um ser humano atemporal, protótipo perfeito do consumidor do AGORA. Se intensificamos a experiência do presente, só o presente a cada dia, nada temos a aprender com o passado e nada a temer do futuro. Ao contrário, imaginar o futuro nos dispersa, nos "distrai" do presente, este sim a experiência real. Entre os muitos e diversos efeitos perversos dessa adesão acrítica ao PRESENTISMO um pode ser visto nessas hordas de "mulheres sem idade", plastificadas, caricaturas de si mesmas, paralisadas em algum esgar de sua juventude perdida. Também pode ser verificada no desinteresse ou indiferença dos jovens em relação ao passado, aos idosos como se nada pudesse ser aprendido com o que veio antes da tecnologia que os encanta e captura. Pode ser visto ainda nas flores e frutos que não mais respeitam a sazonalidade das estações nem as localidades onde viveram o drama da adaptação e da sobrevivência. Alimentos que desconhecemos a origem, dietas que adotamos como a japonesa por exemplo, e que ao expandir-se pelo mundo (de Nova Iorque ao Chuí) passou a significar a ameaça de extinção do salmão nativo e do atum nos oceanos. Tal desorientação em relação à nossa percepção da linha do tempo e dos ciclos naturais (noções interligadas) também torna inconcebível abrir mão de uma gratificação no presente em nome de um benefício futuro. Daí a exacerbação da lógica do curto prazo e o nosso quase fracasso em tomar as medidas necessárias para impedir a dramática depleção dos recursos naturais. Trabalhamos no curto prazo e a natureza no longo. Querem descompasso maior? Presos à "bolha do presente" e ao ópio virtual, estendemos nossa jornada de trabalho até à exaustão dos nossos corpos emocional e físico, pois tudo deve ser resolvido HOJE. Não podemos deixar para amanhã, pois amanhã será igual. Será HOJE. Contudo, embora muitas vezes ignorado, somos seres condenados ao movimento. Movimento que se dá no espaço-tempo, ainda que subjetivamente possamos, e o fazemos, mudar a maneira de lidar com ambos. E nosso maior recurso para maximizar o hoje é a ACELERAÇÃO... do tempo. Imprimir velocidade a tudo o que fazemos, inclusive destruir mais rapidamente o capital natural e as condições de vida saudável neste planeta. O tempo urge, ruge, nos consome e nós o consumismo como a um elixir vagabundo que se vende na esquina. Consumimos a nós mesmos. Não é somente um paradoxo, é nossa loucura.

Samyra Crespo, coordenadora da pesquisa: "produzir, consumir, viver e imaginar: padrões sustentáveis de uso do tempo"

Publicado 23 de março

## **LONGA E ÀS VEZES EXCESSIVAMENTE BREVE HISTÓRIA DO TEMPO (I)**

Não vou resenhar Stephen Hawking embora recomende a leitura de seu famoso livro. Minha questão é a maneira automática com que vamos abraçando às vezes prazerosamente a ideologia do PRESENTISMO, e sua relação com o tempo e o uso predador que fazemos dele. No presentismo os motes são: "o presente é o que importa, o passado não se recupera e o futuro não chegou ainda". Tal mantra nos faz ignorar que tudo está interconectado na cadeia de relações que tecem a nossa vida e que tudo o que fizemos no passado tem consequências no presente e também no futuro. Outro slogan comum é "queremos tudo ao mesmo tempo, aqui e AGORA", o poder do AGORA, "foco e concentração no presente". A promessa rainbow dessa oração presentista é podermos ser e atuar com toda a nossa energia naquilo que desejamos no presente momento. Tudo de bom. Será?

Na década de 80 fizeram muito sucesso os livros do historiador Eric Hobsbawm "A Era das Revoluções" e depois "A Era dos Extremos", buscando mostrar as conexões estruturantes de nossa civilização para além de eventos aparentemente singulares como as guerras políticas ou religiosas, o terrorismo, etc. Ele propunha que só é possível compreender o mundo e os seres humanos se colocamos os óculos da perspectiva histórica. O famoso filme "O Ovo da Serpente" mostra como o nazismo já estava presente e se desenvolvendo na sociedade germânica, antes que ele eclodisse com toda a sua gama de loucura. Antes de Hobsbawm, outro historiador, Fernand Braudel, buscava identificar a linha longa, "a longa duração" do sistema de trocas mercantis desde as primícias da era moderna que emergiria como o capitalismo atual. Podemos dizer que ambas as escolas, a de Hobsbawm e a de Braudel se opõem ao "fim da história" decretado por Fukuyama no final do século XX, quando as utopias socialistas pareceram ruir perante o vigor do "novo liberalismo" econômico. Daí em diante é como se estivéssemos condenados (e não presenteados) ao "eterno presente". Para não cansar e para respeitar o espaço do FACE que não gosta de textão, voltarei amanhã com a segunda parte da minha provocação, falando dos efeitos perversos do presentismo e de seu impacto predador, insustentável em nosso padrão de produção e consumo do TEMPO, e da NATUREZA. Uma música cantada por Caetano diz "Amanhã será outro dia...". No presentismo não saímos nunca, como em "O Dia da Marmota" (o filme) do HOJE.

Publicado 21 de março

## **"COLONIZANDO O TEMPO ALHEIO" eis a forma como 'GANHAMOS TEMPO'**

A maioria das mulheres que conheço já viram aquele filme com Jessica Parker (ex Sex in The City) que no Brasil recebeu o título "Como Ela Consegue?" O filme-comédia (como não sê-lo?) refere-se à vida quase insana das mulheres entre 30 e 40 anos que estão se dividindo entre carreira, família e as mil tarefas diárias de quem vive nas cidades e na velocidade do tempo urbano - competindo com homens que não tem as mesmas tarefas nem o mesmo padrão de consumo do tempo. Aos 64, e tendo já cumprido essa trajetória de "fazer mil coisas ao mesmo tempo", penso eu mesma, como consegui? Ter dois filhos, dois longos casamentos, mestrado, doutorado, trabalho em tempo integral e militância política? E ainda viajar pelo mundo, por lugares agrestes e longínquos para o meu prazer e auto-desenvolvimento, como consegui? E a triste resposta que me vem à consciência é "usei tempo alheio". Não estou me referindo ao tempo que os serviços ou "facilities" colocam à nossa disposição em cidades desenvolvidas. Estou me referindo ao trabalho doméstico, ao exército de diaristas, babás, motoristas, empregadas "que dormem", um braço modernizado, mas ainda assim herança de nossa sociedade

desigual e escravista. Quando se paga um preço vil pelo tempo alheio, podemos sim chamar de colonização, no pior sentido da palavra. E muitas vezes nem pagamos, pois lançamos mão de parentes, amigos vizinhos, para podermos "esticar o tempo" (que não temos) ou "desfrutar de um tempo livre". Esta "colonização do tempo alheio", em bases relacionais (Da Matta, aqui) ou em preços vis está acabando. A nova legislação que regula o trabalho doméstico e o dos "cuidadores" domésticos inviabiliza sua permanência para as classes médias. Cada vez mais teremos que administrar um tempo (nosso) escasso, precioso. Cada vez mais teremos que fazer nossas escolhas com base no pouco tempo disponível. E não adianta achar que "organisers" ou google-agenda vão resolver nossa vida. Não é uma questão de gerência, ou de prioridades apenas, repito, mas de fundamentos de uma sociedade que precisa avançar na sua noção de serviços endereçados a indivíduos que desejam viver suas vidas com mais qualidade. Há uma extraordinária oportunidade para o mercado, sem dúvida, na customização de serviços. Sempre teremos crianças, idosos e deficientes para cuidar. Mas há também um enorme imbroglío que nós, mulheres brasileiras, teremos que desenrolar, fazendo a transição do tempo de colonização do tempo alheio para o tempo em que governaremos nossa vida de maneira humana e satisfatória. Aguardo comentários sobre como dobrarmos este cabo "da boa esperança".

Samyra Crespo, coordenadora da pesquisa: "produzir, consumir, viver e imaginar: padrões sustentáveis de uso do tempo"

Publicado 20 de março

## **O TEMPO COMO METÁFORA**

No livro "Os Sonhos de Einstein", de Alan Lightman, escrito em 1993 mas divulgado no Brasil somente neste século (sic!), nada existe fora do tempo. Mas o tempo percebido e vivido por cada humano flui em dinâmicas e ritmos diversos. Ele nos lembra que um tempo em que estamos alegres saboreando uma excelente refeição com amigos é um tempo "que voa". Quando arrastamos uma criança doente a um hospital o tempo da nossa aflição se alonga, mas se um único relógio pudesse medir estes dois tempos, eles poderiam ser iguais. O tempo relativo depende do olho do observador e da subjetividade de cada um. A maneira como cada um vive o tempo o define, e nesse sentido o autor nos alerta para não sermos prisioneiros de uma única "convenção" sobre o tempo, sua cadeia de eventos e como nos localizamos nelas. O livro é pequeno, denso e de agradável leitura, e elege como centralidade o tempo e o seu enredo são as diversas concepções e vivências do tempo que nós humanos plasmamos durante nossas vidas. A menção a Einstein é obrigatória, pois este revoluciona a noção de espaço-tempo ao sugerir (e depois provar) que se o espaço é tridimensional, o tempo também é, nascendo aí a idéia do espaço-tempo paralelo, e da possibilidade, perturbadora, de que não existe uma "seta do tempo", apontando uma única e implacável direção. E se o tempo na verdade fosse um círculo fechado? Com esta provocação o autor nos remete à idéia de que pensado assim o tempo seria uma eterna repetição. Olhar para um mar revolto e sentir medo, aconteceu um milhão de vezes antes e deverá acontecer no futuro. Neste mundo do tempo circular não existe nada de novo sobre a Terra. E se o tempo se resumisse ao tempo físico, absoluto, marcado de maneira mecânica e ritmada pelos relógios? Nossa hora de dormir, comer, amar e trabalhar ou morrer absolutamente programados, vividos como rotina consoladora, pois neste tipo de tempo não se precisa ir além, questionar nada. A metáfora se estende às cidades, onde o velho coexiste com o novo, diferentes tempos históricos plasmados em objetos, edificações, estilos de vida. Ele chama de pedaços de tempo que muitas vezes contraditórios dificilmente perturbam os diferentes grupos, cada qual vivendo o seu tempo particular. Estas são apenas algumas das pérolas encontradas neste pequeno-grande livro, fundamental para alguém como eu que está refletindo sobre o tempo e a maneira como lidamos com ele, perdulária ou ciosa. Uma bela passagem do livro se refere ao

tempo da natureza, e a pergunta é: e se o tempo não puder ser quantificado, e se ele for uma qualidade? "Suponhamos que o tempo não seja uma quantidade mas uma qualidade, como a luminiscência da noite sobre as árvores no preciso momento em que a lua nascente toca o topo das árvores? O tempo existe, mas não pode ser medido". Esta bela imagem, esse aparente paradoxo entre quantidade e qualidade me faz pensar no tempo humano e no tempo da natureza e em como temos dificuldade de pensar que o tempo da mudança climática é o nosso tempo. E mais, talvez o tempo que nos defina. Que lástima !!!

Publicado 15 de março

## **HOJE É O DIA DO CONSUMIDOR. E O QUE TEMPO TEM A VER COM ISSO?**

A coordenadora da pesquisa "Produzir, consumir, viver e imaginar: padrões sustentáveis de uso do tempo", Samyra Crespo, fala um pouco sobre o tema e sua relação com o consumo consciente.

**CONSUMO SUSTENTÁVEL DO TEMPO.** Hoje, 15 de março, o "Dia do Consumidor" suscita uma reflexão de todos aqueles que procuram promover o chamado **CONSUMO CONSCIENTE**, ou mais de acordo com o conceito que nasceu para o Mundo em 1992, no documento Agenda 21 Global - **CONSUMO SUSTENTÁVEL**. Um capítulo inteiro da Agenda 21 explica os fundamentos da produção e do consumo em bases sustentáveis. De lá para cá, entre alegrias e tristezas, vimos muita coisa avançar e outras nem tanto. Somente em 2011, quando eu estava à frente de uma Secretaria do MMA (Ministério do Meio Ambiente) é que conseguimos deslanchar o I Plano Nacional de Consumo Sustentável, baseado em iniciativas voluntárias, catadas aqui e ali, tanto no setor público como no privado. Planos para se criar uma Lei Nacional não prosperaram diante do quase fiasco da implementação da Lei Nacional de Resíduos Sólidos que até hoje claudica diante da incapacidade dos Municípios Brasileiros de cumprirem as obrigações legais nela prevista. Do lado da produção, significativos avanços podem ser contabilizados. Não há como negar que um rol cada vez maior de empresas globais e nacionais assinam compromissos de proteger solos, água, ar e biodiversidade, sem contar o expressivo número de executivos e empresários na COP 21 em Paris, onde um pacto global para diminuir emissões de carbono e equivalentes foi celebrado. Milhares de produtos foram e são a cada dia modificados de modo a se apresentarem ao público como "environmentally friendly". Tal mudança no mundo da produção não se fez acompanhar de desenvolvimento igual, paradoxalmente, no mundo dos consumidores. Em muitos países é ainda "consumo de nicho", aumenta, mas aumenta devagar. Dentre os muitos fatores que determinam essa falta de entusiasmo com o **CONSUMO CONSCIENTE** ou sustentável, quero explorar um por ser chave tanto na minha reflexão pessoal quanto na pesquisa que conduzo para a Rede de Mulheres Brasileiras Líderes pela Sustentabilidade. A minha tese é a de que precisamos de **TEMPO PARA CONSUMIR COM QUALIDADE**. Para mudarmos nossos hábitos necessitamos de informação, de lermos os rótulos, examinarmos as performances dos produtos, sua funcionalidade em nossa saúde e nosso prazer, saber onde e como adquiri-los. Não existe possibilidade de introduzir estas mudanças sem gastar tempo com isto. E cadê o tempo? Tenho mostrado que nosso tempo diário diminui drasticamente com múltiplas tarefas, com a ineficiência dos serviços oferecidos a quem vive nas cidades, e com as tecnologias de conexão que "alongam" o nosso tempo de trabalho. Na contramão do que deveria ser uma adesão à vida saudável, verificamos o aumento exponencial do consumo de alimentos processados, de ansiolíticos inclusive por crianças. O **TEMPO ESTE RECURSO NÃO RENOVÁVEL** escasseia. Sem **ELE** é quase impossível mudar nossos hábitos de consumo, a começar pela adoção da alimentação saudável. Assim, o primeiro item de uma possível agenda de mudança é avaliar o consumo do nosso tempo. Rapidamente vamos perceber que é uma falácia colocar a responsabilidade do **USO CONSCIENTE DO TEMPO** nos ombros de cada um. Estou cada vez mais convencida de que as decisões pessoais pesam, mas são apenas profiláticas quando os padrões de uso do tempo são hoje

insustentáveis, fruto de uma sociedade igualmente insustentável. Sobre este tema, e com mais profundidade voltarei a falar. Enquanto isso, o Brasil se destaca como um dos maiores consumidores de agrotóxicos do mundo.

Publicado 14 de março

## **OS RELÓGIOS MOLES DE SALVADOR DALÍ E A ANGÚSTIA DA FALTA DE TEMPO**

Voltando de Foz de Iguaçu e de Curitiba onde conduzi duas "rodas de conversa" com cerca de 150 mulheres executivas e empresárias, faço aqui uma reflexão sobre um dos temas escolhidos "Falta tempo para o que?". Falta de tempo é a queixa geral. Essa constatação é penosa pois indica um enorme déficit que afeta o trabalho, as relações e até mesmo o exercício de nossa cidadania. Pesquisas divulgadas no 8 de março (Dia Internacional da Mulher) afirmam que as mulheres estão trabalhando 7,5 horas semanais a mais que os homens e que em uma década, apenas 5% deles (maridos, companheiros ou filhos) dividem as tarefas domésticas, sendo que 90% não o fazem. Além disso 53% dos brasileiros levam trabalho para casa, quando nos EUA este percentual é de 37% e na Europa 34%. Dos 53%, a maioria, 64% são mulheres. Prolongamento do expediente de trabalho, engarrafamentos, dupla ou tripla jornada (trabalho X casa X filhos, além do uso da internet, utilitário ou não) eis o cenário cotidiano da falta de tempo e a angústia derivada do fato real de que o rol de tarefas e obrigações não cabe no tempo disponível (5 a 6 horas na prática, descontadas as horas em que dormimos, suprimos nossas necessidades básicas, trabalhamos, nos deslocamos, etc.). A angústia de sentir que o tempo escorre entre os dedos, independente de nossa vontade, nos evoca a imagem dos "relógios moles" do artista Salvador Dalí. Seus relógios, em pintura e escultura, nos remetem à ambiguidade de um tempo que é absoluto (o tempo do relógio, marcador implacável) e ao representá-lo mole nos fala também de uma maleabilidade, de um fluir que nos faz transcender ao puramente físico, à rigidez da máquina. Podemos governar o tempo? Pelo menos o nosso tempo no cotidiano? A essa pergunta extremamente objetiva é possível dar várias respostas. Mas uma vem predominando no mundo corporativo, das empresas e dos tomadores de decisão de um modo geral. Para estes executivos e executivas cada vez mais assoberbados com as múltiplas tarefas, viagens frequentes, cobrança de alta performance e vidas pessoais quase abandonadas, está sendo indicado "cursos de gestão do tempo", ou workshops tipo "go slow", concentração, foco, etc.

Consultores são então destacados para ensinar técnicas de organização do tempo e best-sellers de auto ajuda neste tema enchem as prateleiras. Nada contra esses paliativos. Ou melhor, tudo contra. Pois na minha visão esse tipo de "administração do tempo", com vistas ao aumento da produtividade e para aliviar a "pressão", não vai à raiz do problema. A falta de tempo não é uma escolha pessoal nem uma desorganização individual. É estrutural e tem a ver com o fato de que não vendemos nossa força de trabalho ou a nossa competência. Vendemos nosso tempo. E tempo é vida. Vendemos parcelas de nossa vida. Por que o fazemos, como o fazemos e dialogando com que modelos de sucesso ou de "bem viver", eis a questão que precisamos explicitar. Tenho que visitar Paul Lafargue.

*Samyra crespo, coordenadora da pesquisa sobre uso sustentável do tempo que está sendo produzida pela Rede de Mulheres*